

Da Viena Vermelha aos dias de hoje

Elisabeth Antonelli

Resenha de Florent Gabarron-Garcia, *Uma história da psicanálise popular*, Trad. Célia Euvaldo, São Paulo, Ubu, 2023, 224 p.

A pedra que alguém atira contra as centrais de comando do capital, e a pedra no rim de que um outro sofre, são intercambiáveis. Protejamo-nos das pedras nos rins.
[SPK]

Freud defendeu, em 1918, a criação de clínicas psicanalíticas públicas, que se alastraram pela Europa, gerando um profícuo modo de formação para médicos residentes, bem como tratamento para as classes trabalhadoras. É imprescindível que utilizemos toda a potência da prática psicanalítica para a cura coletiva de uma sociedade adoecida. Tudo isso só é possível se combatermos a ideia – e as práticas – de uma psicanálise excludente e elitizada. Existem precedentes históricos que podem nos servir tanto de modelos como de “antimodelos”. É no intuito de contribuir para esse movimento que o psicanalista francês Florent Gabarron-Garcia empreendeu “uma recuperação histórica dos momentos nos quais a psicanálise reafirmou seu compromisso com as

classes trabalhadoras” e revelou o seu “caráter engajado como prática e disciplina”.

Podemos nos debruçar sobre seu livro *Uma história da psicanálise popular*, recém-publicado pela Editora Ubu, que se soma à incitante Coleção Explosante, organizada por Vladimir Safatle, e com tradução da artista Célia Euvaldo e prefácio do psicanalista Christian Dunker. Essa coleção traz a público textos esquecidos sobre a história da doença mental, sob o vértice da luta de classes.

Gabarron-Garcia inicia o texto com a seguinte questão: a Psicanálise se tornou, ao longo das décadas, profunda e abertamente reacionária, na esteira de um movimento mundial, a começar pela repressão crescente às questões de gênero. O autor acredita que essa tendência surgiu nos anos 1980, com base no modelo dos Novos Filósofos, e toda a psicanálise politizada teria sido desacreditada, tendo autores como Reich e Deleuze e Guattari sido relegados a figuras isoladas. Qualquer perspectiva freudo-marxista levantaria suspeitas, em nome do “ouro puro da Psicanálise”. Gabarron-Garcia tem como referência J.-A. Miller entre outros, e com essas companhias tece críticas duras e ao mesmo tempo assertivas sobre o uso indiscriminado de interpretações psicanalíticas, fora do seu necessário enquadramento sócio-histórico.

Lançando a palavra de ordem – *Por uma história política da Psicanálise* –, o autor traz a conhecimento fecundos movimentos que visariam democratizar o acesso da população desfavorecida economicamente à Psicanálise, retomando assim o projeto original de Freud.

No primeiro capítulo, somos guiados pelo autor através dos movimentos de uma Psicanálise que parte de uma visada social até o momento no qual Ernest Jones teria reivindicado uma atitude de neutralidade por parte dos psicanalistas. E, onde vão parar as práticas psicanalíticas engajadas na cidade e que o próprio Freud teria iniciado? Dezenas de policlínicas surgiram por toda a Europa, em resposta ao apelo do mestre. Segundo Gabarron-Garcia, a época toda é revolucionária. Impérios e monarquias são derrubados por

Elisabeth Antonelli é psicóloga, psicanalista, mestre em Psicologia Clínica (PUC-SP), membro efetivo e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

DOI: 10.70048/percurso.74.159-164

revoluções comunistas e socialistas. O autor cita o texto *O Futuro de uma ilusão*, no qual Freud legitima as revoltas das massas contra uma cultura na qual uma minoria oprime a maioria. Citando o autor: “Freud pleiteia indiretamente em favor dos progressos sociais que parecem estar em vias de se realizar” (p. 36).

Em *Caminhos da terapia psicanalítica*, Freud sustenta a ideia de uma popularização e mesmo a gratuidade dos serviços, nos moldes de consultório e sanatórios, nos quais os psicanalistas poderiam atender o povo. Daí o engajamento dos analistas no projeto das policlínicas: “a primeira institucionalização da Psicanálise teve lugar em um Estado revolucionário” (p. 39).

A Psicanálise na Rússia nesse primeiro momento permitiu repensar em outras bases a educação, a relação homem-mulher, a família e a sexualidade. A juventude revolucionária aderiu.

Em 1923, a partir das formulações de Melanie Klein, abre-se uma nova perspectiva sobre a educação das crianças. Vera Schmidt, psicanalista e membro fundadora da Sociedade Psicanalítica Russa, funda um lar experimental para crianças – Detski Dom – que acolhe os pequenos, colocando dessa forma Pedagogia e Psicanálise em disputa, numa afirmação da superioridade da segunda sobre a primeira. Desafortunadamente o lar será fechado em 1924, na tomada de poder por Stálin.

No segundo capítulo, Gabarron-Garcia se detém em descrever a trajetória clínica e social de Wilhelm Reich. Proveniente da região da Galícia, chega a Viena em 1918, órfão aos quatorze anos, tendo se formado médico psiquiatra. Com apenas 22 anos torna-se membro da Sociedade Psicanalítica de Viena; com sua experiência clínica social, vai atender pacientes pobres demais para um trabalho psicanalítico longo, e a instituição também não conseguiria arcar com os tais custos. Seguindo o conselho de Freud de se dedicar à análise das resistências, constrói as bases “para sua própria formulação de *um trabalho de análise do caráter*” (p. 55).

Nesse ponto, tenho uma divergência com o autor, dado que ele credita à política a discordância

entre Freud e Reich, desconsiderando o fato de que Reich faz uma nova formulação, desprezando o dualismo pulsional, ideia muito cara a Freud, que, como sabemos, manteve a régua na sua disciplina, motivando muitos afastamentos de analistas criativos. Com a prática clínica de pessoas do povo, Reich acaba colocando um peso considerável nas condições sociais e econômicas, deixando, de certa forma, o dualismo pulsional de lado.

Ora, na policlínica, Reich institui um seminário que dá uma parte da formação aos novos analistas. Gabarron-Garcia tem Reich em alta consideração, e podemos entender que de fato a clínica reichiana não é elitista nem excludente. O autor se detém em trazer um caso clínico de Reich, no qual a miséria é o pano de fundo, certamente determinante da neurose de uma mulher, abandonada pelo marido, com três crianças, que subitamente tem a ideia de que o assassinato das crianças seria a solução. Não queria ver os filhos enfrentarem a mesma situação que ela vivera. Uma brutal diferença entre a clientela privada e a clientela de hospital.

Quais condições seriam necessárias para o indivíduo lograr sanidade? Decerto não em condições materiais sub-humanas. Há um vislumbre da necessidade de uma política de profilaxia, projeto ao qual Reich deverá se dedicar. Os antigos monarquistas voltam ao ataque e Reich presencia estarrecido a “multidão se deixar massacrar pelas forças policiais, uma vez que é numerosa o bastante para acabar com os agressores” (p. 69). Reich se torna crescentemente politizado e atuante. Chega cada vez mais perto das questões sexuais, concretamente, na vida dos seus pacientes; trabalha diretamente com as mulheres, que via de regra são mais desfavorecidas do que os homens: “o aborto se passava em condições terríveis de higiene e causava a morte de milhares de mulheres” (p. 75). Conforme vai avançando e a política vai regredindo, sob Stálin, Reich se torna cada vez mais afirmativo de sua clínica. Freud começa a achar que ele avançara demais, pois considera que a Psicanálise não pode salvar o mundo, e interpreta as ações de Reich como “ambição terapêutica”. Segundo Gabarron-Garcia:

“nesse momento ganha importância um argumento completamente decisivo para a história da Psicanálise, segundo o qual ela não era uma concepção de mundo, uma *Weltanschauung*” (p. 82).

E com a reformulação da teoria pulsional, quando a destrutividade passa a ser entendida como interior ao homem, o abismo se aprofunda – “o lastro da violência é doravante carregado, antes de tudo, pela irremediável natureza agressiva do homem. Assim sendo, o analista não precisa mais tomar posição” (p. 83). Gabarron-Garcia faz um estudo desse período de divergências entre Freud e Reich que vale a pena ser lido. Ao final do período de maior divergência, Reich vai sendo colocado progressivamente de lado, até por fim ser expulso, em 1933, tudo discretamente ocultado.

Reich resolve se mudar para Berlim em 1930, onde ainda existia um clima político mais progressista, e adere ao Partido Comunista. Porém, o Partido Nazista está em franca evolução e Reich começa a perceber que os socialistas não chegavam perto do povo. Para Reich o investimento libidinal estaria na origem das escolhas, tanto que viu camaradas mudarem de um partido ao outro. Os nazistas tinham uma propaganda efetiva, com promessas materiais e a garantia do amor do Führer, “chegariam até a *desejar o Führer*” (p. 86). Para Reich, então a questão fundamental “estaria na repressão sexual exercida sobre a vida cotidiana pelas forças reacionárias” (p. 87).

Ainda em 1930, após lutas, consegue criar a Associação Alemã por uma Política Sexual Operária, dita Sexpol, que cresce muito rapidamente, o que é suficiente para ele encontrar oposição dentro do próprio PC, que acusa Reich de querer substituir uma política econômica por uma política sexual, e daí começa um verdadeiro combate às suas ideias e práticas.

Porém “o incêndio de Reichstag interrompe o caso. Os nazistas estão por detrás dele, mas acusam os comunistas. Assim, com a cumplicidade indireta de Hindenburg, 1.500 intelectuais e responsáveis comunistas são detidos pelas tropas de assalto. Muitos amigos de Reich são executados” (p. 91).

Começa o exílio de Reich.

No terceiro capítulo, o autor faz uma pequena síntese da passagem freudiana do texto *O Futuro de uma ilusão* para *O mal-estar na civilização* (publicado em 1930) e a mudança de rumo, no qual amplia sua crítica à religião, passando a incluir o comunismo. Freud passa a defender a ideia de “neutralidade” da Psicanálise. Assiste-se a uma verdadeira crise. Nesse contexto, Freud passa a defender a tese “segundo a qual os problemas sociais e sua violência seriam antes de tudo um fato da estrutura do psiquismo dos homens, que se caracterizaria por um ‘pendor à agressão’” (p. 97). Gabarron-Garcia não deixa de pontuar o peso da doença de Freud para sua progressiva desilusão.

Esse contexto favorece o psicanalista Ernest Jones, que é pouco simpático aos freudianos de esquerda, e que pretende tornar a disciplina mais “razoável”, passando a operar uma mudança para o eixo anglo-saxão na perspectiva de tornar a Psicanálise “mais discreta”. Para avançar com tal intento, seria preciso “eliminar os analistas que se expressam de forma demasiadamente ruidosa pela esquerda” (p. 100). Começando por Reich, todos os judeus acabam sendo expulsos – “como diz Jones, convidados a sair” (p. 100).

O momento de ascensão do nazismo pega Max Eitingon de surpresa, como diretor do Instituto Psicanalítico de Berlim, que fica preocupado. Porém, parece que nesse momento a influência de Jones é tal que uma cegueira toma Freud, fazendo com que convide indiretamente Eitingon a se retirar de sua presidência a favor de Felix Boehm, supostamente indiferente à política mas, segundo Gabarron-Garcia, “um ariano, sendo de raça pura pelo novo Estado alemão” (p. 104). Como Freud pôde se alienar das condições políticas urgentes nesse contexto? Expulsões acontecem em nome de salvaguardar a Psicanálise. Sob o pretexto da neutralidade, há uma espécie de arianização da Psicanálise na Alemanha. As páginas em que Gabarron-Garcia se detém nesse processo carecem de uma leitura atenta e minuciosa, tal impacto que as informações provocam

no leitor. Um misto de espanto e indignação vai se avolumando na sequência da leitura! Nesse período, um véu sombrio desce, seguido por um: “[...] colapso da Psicanálise alemã *no e com o* nazismo, graças ao apoio da IPA” (p. 114).

O capítulo quarto narra a trajetória de Marie Langer, que terminara seus estudos em Medicina aos 25 anos, em 1925, e que tem um longo engajamento na luta feminista. Como alguns de seus pares, Langer acreditava que a militância revolucionária incluía a luta pela igualdade dos sexos. Passa a colaborar clandestinamente como anestesista junto ao seu colega ginecologista Fritz Jensen no aborto de mulheres que não tinham possibilidades financeiras para fazê-lo em condições adequadas. A Viena vermelha não estava morta, e Langer mantém a chama acesa. Mas seu nome é praticamente apagado da história oficial.

Nascida sob o reinado do imperador Francisco José, cresce no começo do século xx, marcado por grandes turbulências. De família judia da alta burguesia, vai se emancipando e se tornando progressivamente engajada. Com o apoio do pai, pode estudar na escola particular Schwarzwald Schule, cuja diretora Frau Doktor Schwarzwald é uma socialista. Langer também pode se integrar, em Zurique, na primeira universidade aberta às mulheres, que mantém uma linha feminista e marxista. Esse é o tempo do crescimento do antissemitismo. Langer opta por uma formação psicanalítica no momento de dissensão entre Freud e Reich e assunção da tal neutralidade analítica, sendo que tal mudança de rota não estava clara para todos. Depois de ser detida, junto com o segundo marido, Max Langer, é pressionada pelos analistas vienenses a fazer uma escolha entre psicanálise e política, quase tendo sido expulsa. A tal neutralidade nada tinha de neutra: “Langer destaca o conflito ideológico, mas também ético, decorrente do questionamento das regras do tratamento” (p. 123).

Face ao tamanho do impedimento, Langer se ausenta da comemoração dos 80 anos de Freud e com o marido decide “juntar-se às Brigadas Internacionais na Espanha, durante o verão

de 1936” (p. 124). Barcelona nesse momento vive uma semelhança com a Viena vermelha de outrora. Nesse engajamento, em tempos de Segunda Grande Guerra, nos cuidados aos amputados em campo, e em busca de próteses na França, acaba ficando presa, devido à anexação da Áustria pela Alemanha, e sem perspectivas de retorno. O casal se exila no Uruguai e depois na Argentina, em 1942, quando da fundação da APA. Não demoraria para Perón chegar ao poder.

Passa a ter que se calar para sobreviver, inclusive economicamente. A partir de 1956, faz novas parcerias: Emilio Rodrigué e León Grinberg, com os quais estabelece critérios que possibilitam a psicoterapia de grupo, especialmente nos hospitais, e embora ela teça autocríticas em relação a si mesma em tal período, creio que aqui se lançaram as bases para a corrente dissidente Plataforma Argentina, que permite um avanço político e a separação da IPA.

Com uma concepção clínica semelhante à de Reich, na qual a articulação entre o psíquico e o social permitirá ao sujeito sair do impasse subjetivo e material e lograr uma transformação, acaba sendo perseguida após publicar uma carta em que denuncia as atividades de Amílcar Lobo Moreira, que participara da tortura no Brasil. Tendo sua vida em risco, termina se refugiando da Nicarágua a Cuba, mantendo seu engajamento até o final de sua vida.

No capítulo cinco, temos a descrição do movimento das comunas catalãs, e da chegada de inúmeros psicanalistas envolvidos com a esquerda, oriundos de Berlim e de países da Europa central. Encontram terreno fértil para a criação de um novo núcleo e liberdade de exercício. François Tosquelles, psicanalista catalão, se tornará representante, com ideias revolucionárias sobre o modelo do tratamento médico, incluindo pessoas de vários estratos dos serviços nos cuidados a pacientes psiquiátricos. Porém, mais uma vez o avanço é detido, e Tosquelles, ao entrar na França, num movimento de exôdo, acaba internado em Sept-Fons, um dos numerosos campos de concentração improvisados pelo governo francês, para 450

mil refugiados espanhóis, em condições desumanas. Lá Tosquelles logra estabelecer um serviço de psiquiatria. Em 1940 passa a integrar o hospital psiquiátrico de Sain-Alban, em Lozère, que vive em condições precárias, obrigando os pacientes a buscar auxílio com os camponeses locais, numa troca de serviços em prol de alimentos, remédios. Cria-se um novo paradigma de tratamento, que atrai inúmeros psicanalistas refugiados e emigrados clandestinos: “destacam-se: Tzara, Éluard, Canguilhem, Jacques Matarasso, Michel Bardach. A partir de junho de 1942, Éluard dirige as *Éditions de Minuit*. Frantz Fanon também virá a se formar ali depois da guerra” (p. 152).

Em 1945 surgem vários grupos independentes. Um primeiro se constitui com Ajuriaguerra, Lucien Bonnafé, Georges Daumézou, Louis Le Guillant, Henri Ey, Jacques Lacan e François Tosquelles, batizado “Docteur Batia” (doutor esperança), separando-se em 1947, data em que Jean Oury chega a Saint Alban para sua formação. Ele permanecerá em análise com Lacan de 1953 a 1980, ano da morte de Lacan.

Em 1953, Oury e Guattari criam a clínica La Borde, momento em que Oury decide se mudar para um castelo isolado e em péssimo estado, com todos os seus pacientes, retirados de Saumery, quando os proprietários desejam retomar o controle da clínica. Com a finalidade de manter os princípios de tirar os pacientes da segregação social, uma nova instituição surge, com o propósito de uma institucionalização do tratamento, a saber, a horizontalização dos saberes e poderes, destituindo dessa maneira a soberania do saber médico, seguindo o modelo de Tosquelles em Saint Alban. Conforme o texto fundador da clínica La Borde, de 1953:

uma remodelação completa das estruturas existentes em um organismo tradicional; das ideias que cada um dos seus membros pode ter de suas funções. Três princípios gerais são destacados: “o centralismo democrático, a precariedade dos estatutos e a organização comunitária do trabalho, que vão expressamente de encontro ao dispositivo psiquiátrico clássico (p. 156).

Em La Borde o princípio de que a Psicanálise deve se estender a toda instituição ganha forma. Uma crítica ao modelo do saber psiquiátrico passa a valer e com Guattari o conceito de transversalidade é colocado em prática: “esse era o requisito elementar para quem pretendia cuidar, e é exatamente do que trata o conceito de dupla alienação, social e mental. Em La Borde, a terapia não era mais apenas individual, era também institucional” (p. 158).

Porém há oposição a essa proposta, encabeçada por René Diatkine e Paul-Claude Racamier, que querem manter o exercício da psicanálise no hospital restrito aos médicos. Desse ponto em diante a luta de classes na questão da saúde mental passa a ter como eixo a relação médico-paciente – o médico deveria renunciar à identificação imaginária com seu papel. Surge a figura dos monitores psiquiátricos, os salários são iguallados. Com essa vasta experiência, Guattari cria a esquizoanálise e, em parceria com Gilles Deleuze, publica o seminal livro *O Anti Édipo*, em 1972. A clínica La Borde permanece ativa!

No sexto capítulo, Gabarron-Garcia dá a conhecer um movimento alemão que começa no final dos anos 1960, mas que não teve a fortuna do movimento francês, tendo sido brutalmente encerrado, e seus membros, presos e torturados. Há que se voltar no tempo e lembrar a eficácia da burocracia nazista, que logrou uma campanha de assassinato de doentes mentais e físicos, que prefigurou o massacre dos judeus. Após a guerra, em Heidelberg ao menos quatro médicos eram antigos ss.

O Coletivo Socialista de Pacientes de Heidelberg, *Sozialistisches Pateintenkolletiv* (SPK), entretanto, não pode ser apagado da história. O médico Wolfgang Huber rapidamente se tornou encarregado de uma grande maioria de pacientes, colocando em prática sua nova proposta de terapia, baseada em uma crítica do poder psiquiátrico, com a finalidade de diminuir a distância entre o doente e o médico, bem com desmascarar a ideologia de saúde. Com uma orientação radical, publica um manifesto na França, em 1973, com o título *Fazer da doença uma arma, um texto de agitação do*

Coletivo Socialista de Pacientes na Universidade de Heidelberg, que conta com um prefácio incendiário escrito por Jean-Paul Sartre, em abril de 1973, suprimido tanto das edições seguintes quanto de traduções do livro. Equívoco reparado pela editora Ubu, que nesta mesma coleção *Explosante* acaba de publicar a sétima edição revisada e ampliada.

Fanon serve de inspiração. Para a SPK, médico e paciente se constituem como objeto do sujeito, *O Capital*. Porém, em 1971 o Coletivo foi alvo de uma gigantesca repressão; embora tenha tido repercussão internacional, com movimento de solidariedade a favor de sua manutenção, um abaixo-assinado com mais de duas mil assinaturas, apoio de várias personalidades, tais como Sartre, Simone de Beauvoir, Basaglia, Foucault, Cooper, Gentis e Guattari, teve suas atividades encerradas e Huber condenado a quatro anos de prisão.

E quais conclusões Gabarron-Garcia tece? Cito o autor:

Escrever essa história progressista significa, então, revelar as operações de reificação da história disciplinar que estão por trás dela. A crítica do psicanalismo dos anos 1980 permite finalmente identificar um ponto de vista claramente positivo para a psicanálise e recuperar sua tradição revolucionária. Nesse sentido, não é a História *tout court* que aí se faz ouvir e que reencontra seus direitos? (p. 206)

Encerra seu texto com uma esperança renovada, considerando que “este livro possa constituir um sinal de alerta e suscitar em pesquisadores psicanalistas o desejo de seguir esse caminho ainda inexplorado” (p. 208).

Para nossa alegria, termina citando algumas práticas contemporâneas no Brasil e destaca nosso CAPS, Psicanálise na Rua e Clínica Aberta de Psicanálise.

Muito trabalho a ser feito, muita pesquisa e estudo. Mãos à obra!